

Mensagem ao I Congresso Nacional sobre o tema “Direito e Fraternidade”
(Mariópolis Ginetta 25-27 de janeiro de 2008)

Rocca di Papa, 25 de janeiro de 2008.

Caríssimas e caríssimos,

Sei que vocês, estão reunidos na Mariópolis Ginetta, provenientes de vários Estados do Brasil, a fim de realizar um congresso nacional para estudiosos e profissionais do Direito sobre o tema “Direito e fraternidade”.

A todos, e a cada um em particular, a minha saudação e as mais calorosas e sinceras felicitações.

A temática proposta é estimulante e evoca imediatamente à nossa mente – e ainda mais ao nosso coração – a grande carência de fraternidade que afeta todos os relacionamentos humanos.

Os homens, freqüentemente, se encontram neste mundo, definido uma “aldeia global”, uns ao lado dos outros, mas não junto com os outros e, muitas vezes, com medo e desconfiança dos outros e, portanto, em uma grande solidão.

Isto porque, na crise da civilização, autêntica noite cultural que estamos vivendo e que atinge todos os setores da vida humana, vai se perdendo o sentido e o valor da relação.

Saberá o Direito redescobrir a própria função de instrumento útil para a construção de relações justas entre os homens e a sociedade e responder à exigência de justiça presente em cada coração humano?

Saberá produzir leis que promovam relações animadas pela reciprocidade e alicerçadas no amor fraterno e sugerir comportamentos ditados pela observância deste preceito fundamental, colocado como base da convivência?

Estou certa de que vocês assumem como próprio este compromisso e gostaria, se me permitem, de oferecer-lhes a nossa experiência.

Numa Itália dilacerada pela guerra, que trazia consigo a triste bagagem de injustiças e ódios, também nós, pequeno grupo de moças, nos sentíamos chamadas a viver em função de um mundo diferente, um mundo de fraternidade, e descobrimos no Evangelho o código da nova vida que sentíamos germinar em nós.

O Evangelho dava conteúdo a este nosso desejo e nos apresentava, no mandamento do amor recíproco, o fundamento indispensável para poder viver na terra a vida do Céu.

O Evangelho nos revelava um Deus feito homem, que compartilhava os nossos sofrimentos, as nossas dificuldades, e se apresentava como modelo, ensinando-nos a ser filhos de um único Pai e irmãos uns dos outros.

Deste nosso decisivo empenho de viver o Evangelho surgiu o Movimento dos Focolares: uma família nova, um povo novo que, de uma extremidade à outra da terra, experimenta relações de fraternidade; compartilha bens, alegrias, sofrimentos; acolhe, sustenta, corrige, encoraja, impulsiona a horizontes sempre novos para ampliar os seus confins até os últimos habitantes do planeta.

Conheço os brasileiros, a sua generosidade, a sua exigência de justiça social, o seu desejo de superar toda forma de discriminação, a sua abertura para os valores verdadeiros.

Sei que vocês são capazes de atuar aquela fraternidade que deveria estar subjacente às normas – e isso será função daqueles que, entre vocês, poderão contribuir para elaborar as leis – mas que já pode estar na base da vida jurídica concreta, transformando universidades, tribunais, presídios, em ambientes onde se demonstra, se nos deixarmos guiar pelo Evangelho, que é possível viver como irmãos, inclusive entre advogados e juízes, entre réus e vítimas, entre detentos e policiais, e assim por diante.

É isso o que Deus lhes pede! Este são os meus votos, acompanhados com a oração e a promessa de que o Movimento do Focolares estará sempre ao lado de vocês nessa missão ousada, mas indispensável!

Chiara Lubich